

CARTOGRAFANDO VIVÊNCIAS E DESEJOS FEMININOS: UMA CONVERSA ENTRE JOVENS NO MUNICÍPIO DE CORAÇÃO DE MARIA – BA

MAPPING FEMININE EXPERIENCES AND DESIRES: A CONVERSATION AMONG YOUNG PEOPLE IN THE COUNTY OF CORAÇÃO DE MARIA – BA

MAPEO DE EXPERIENCIAS Y DESEOS FEMININOS: UNA CONVERSACIÓN ENTRE JÓVENES DEL MUNICIPIO DE CORAÇÃO DE MARIA – BA

CARTOGRAPHIER LES EXPÉRIENCES ET LES DÉSIRES FÉMININS: UNE CONVERSATION ENTRE JEUNES À CORAÇÃO DE MARIA – BA

Adriane Gomes Araújo Costa ¹
Alessandra Alexandre Freixo ²

Manuscrito recebido em: 22 de maio de 2023.

Aprovado em: 19 de abril de 2024.

Publicado em: 30 de abril de 2024.

Resumo

Este artigo aborda um excerto de uma cartografia que se iniciou em 2018 e busca investigar as afetações cotidianas de jovens estudantes da educação básica a respeito das relações de gênero e sexualidade pelas quais são atravessadas, visando conhecer os principais marcadores de gênero na vida de uma mulher na zona rural do município de Coração de Maria, Bahia, Brasil. A pesquisa se desenvolveu por meio de encontros virtuais na Plataforma Google Meet, uma vez que se tratava do período do isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19. Identificamos diversos marcadores que tem permeado a construção dos desejos femininos dessas mulheres: a produção do autocuidado e da autoestima e o papel das mídias na construção do eu e do desejo, as condições desiguais de infraestrutura e convivência na zona rural, bem como o controle dos corpos, traduzido nos desafios da pobreza menstrual, gravidez na adolescência e dispositivos de dominação masculina reproduzidos na escola.

Palavras-chave: Relações de Gênero; Jovens Mulheres; Zona Rural.

Abstract

This article addresses an excerpt from a cartography that started in 2018 and seeks to investigate the daily affectations of young students of basic education regarding the gender and sexuality relations through which they are crossed, aiming to learn the main genre markers in the life of a woman in the rural zone of the Coração de Maria County, Bahia, Brazil. The research was developed

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora na Rede Municipal de Educação de Coração de Maria. Integrante do Grupo de Pesquisa Carta-Imagem.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3171-3831> Contato: gadriane87@gmail.com

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Integrante do Grupo de Pesquisa Carta-Imagem.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3566-8302> Contato: aafreixo@uefs.br

through virtual meetings on the Google Meet platform, as it was a period of social isolation due to the COVID-19 pandemic. We identified several markers that have permeated the construction of these women's feminine desires: The production of the self-care and self-esteem and the role of the media in the construction of the self and desire, the unequal infrastructure and coexistence conditions in the rural zone, as well as the body controlling, translating into the challenges of menstrual poverty, teenage pregnancy and male dominating devices reproduced in school.

Keywords: Gender Relations; Young Women; Countryside.

Resumen

Este artículo aborda un extracto de una cartografía iniciada en 2018 y busca indagar en las afectaciones cotidianas de jóvenes estudiantes de educación básica respecto a las relaciones de género y sexualidad por las que se atraviesan, con el objetivo de conocer los principales marcadores de género en la vida de una mujer en la zona rural de la municipalidad de Coração de Maria, Bahia, Brasil. La investigación se desarrolló a través de encuentros virtuales en la Plataforma Google Meet, ya que se trataba de un período de aislamiento social producto de la pandemia del COVID-19. Identificamos varios marcadores que han permeado la construcción de los deseos femeninos de estas mujeres: la producción de autocuidado y autoestima y el papel de los medios de comunicación en la construcción del yo y del deseo, las condiciones desiguales de infraestructura y convivencia en el medio rural, así como el control de los cuerpos, traducido en los desafíos de la pobreza menstrual, el embarazo adolescente y los dispositivos de dominación masculina reproducidos en la escuela.

Palabras clave: Relaciones de Genero; Mujeres Jóvenes; Zona Rural.

Résumé

Cet article aborde un extrait d'une cartographie débutée en 2018 et cherche à enquêter sur les affects quotidiens de jeunes élèves de l'enseignement fondamental concernant les rapports de genre et de sexualité à travers lesquels ils sont traversés, visant à connaître les principaux marqueurs de genre dans la vie d'une femme dans la zone rurale de la municipalité de Coração de Maria, Bahia, Brésil. La recherche a été développée grâce à des réunions virtuelles sur la plate-forme Google Meet, car il s'agissait d'une période d'isolement social résultant de la pandémie de COVID-19. Nous avons identifié plusieurs marqueurs qui ont imprégné la construction des désirs féminins de ces femmes : la production du soin et de l'estime de soi et le rôle des médias dans la construction de soi et du désir, les conditions inégales d'infrastructure et de cohabitation en milieu rural domaine, ainsi que le contrôle des corps, se traduit par les défis de la pauvreté menstruelle, de la grossesse chez les adolescentes et des dispositifs de domination masculine reproduits à l'école.

Palavras-chave: Relations de genre; Jeune Femme; Campagne.

Introdução

Este artigo aborda um excerto de uma cartografia que se iniciou em 2018, quando nos aventuramos a conhecer as formas como são construídas as relações de gênero e sexualidade entre jovens mulheres de um distrito do município de Coração de Maria, Bahia.

Como descrevemos em Costa e Feixo (2019), as participantes do trabalho, outrora desenvolvido, eram alunas do Anos Finais do Ensino Fundamental, residentes na zona rural do referido município e nossas conversas àquela época nos permitiram compreender os sentidos produzidos em torno das formas de violência de gênero em um grupo de discussão no *Facebook* (Costa; Freixo, 2019).

Este profícuo trabalho iniciado em 2018 deixou diversas pistas para novos caminhos. Cartografar é isso, permitir afetar-se pelos caminhos! Este trabalho é continuação desse percurso cartográfico. Com a chegada e permanência da pandemia causada pelo vírus da COVID-19, as escolas encontravam-se fechadas, assim como tantos outros estabelecimentos, repartições e eventos foram afetados. Em meio a tantas incertezas diante do isolamento social em nosso país, escolhemos retomar as pistas originadas ao fim da primeira etapa da cartografia, junto com as mesmas participantes que iniciaram essa caminhada conosco.

Respeitando as medidas preventivas de Saúde daquele momento e utilizando a experiência em desenvolver pesquisa em redes sociais, utilizamos o *WhatsApp* para comunicação, e o *Google Meet* serviu como nossa sala de encontros. Percebemos que as mídias e as redes sociais abrem um leque de oportunidades e maneiras diferentes para seus usuários e usuárias, propiciando um ambiente de debate, afeto, união e embates. Então, lançar mão de recursos que fazem parte do cotidiano, permitem o conforto garantido pelo conhecido, diante de uma situação desconhecida, como a de participar de uma pesquisa.

Também nas redes sociais, temos acompanhado o crescimento do debate sobre temas polêmicos que afetam as mulheres. As mídias sociais têm dado visibilidade para mulheres que por muitos anos estiveram ocultas na escuridão do medo, da solidão, da injustiça e do machismo velado. Acompanhamos também a libertação de tantos “EU’s” aprisionados, que são encorajados pelas publicações de outras pessoas no *Instagram*, por exemplo. Às vezes há até uma construção de uma personagem em cima de si mesmo, escrevendo legendas que despertam para si, algo ou alguém. “O eu privado torna-se uma representação pública na Internet que se exhibe para uma plateia abstrata e anônima” (Illouz, 2011, p. 112). Dessa forma, passam a conhecer um ao outro, da maneira que deseja ser conhecido.

Esta cartografia está problematizada no anseio em conhecer as formas como são construídas as relações de gênero entre jovens mulheres de um distrito rural do município de Coração de Maria, Bahia, e como essas relações influenciam em suas vivências e na construção e experimentação do desejo. Desse modo, além de proporcionar o protagonismo das participantes, queremos que suas histórias ocupem um lugar de destaque nesta cartografia, ao identificar e explorar os marcadores de gênero dessas jovens oriundas e residentes de um distrito em um município rural.

Assim, este artigo tem como objetivo compreender o processo de construção de percepções das relações de gênero entre essas jovens mulheres e como essas relações influenciam em suas vivências e na construção e experimentação de seus desejos. Para tanto, buscamos aqui cartografar afetações cotidianas das jovens estudantes da educação básica, por meio de encontros virtuais realizados na Plataforma *Google Meet*; visando conhecer os principais marcadores de gênero e sexualidade na vida da mulher moradora do Retiro na zona rural de Coração de Maria.

Campo de pesquisa: processo e participantes

A pesquisa, iniciada em 2018, foi retomada remotamente no ano de dois mil e vinte um (2021), tendo início no primeiro semestre do mesmo ano. A pesquisa foi desenvolvida com um grupo focal composto por cinco participantes, mulheres jovens de dezesseis (16) a dezoito (18) anos de idade. Salientamos que são as mesmas participantes que construíram a primeira etapa da cartografia, mas agora são apenas cinco, das oito participantes que começaram a construir a cartografia em 2018 (Costa; Freixo, 2019).

Mas, afinal, em que cenário esta cartografia foi desenvolvida? Coração de Maria, BA, é um município eminentemente rural, com população estimada de 22.391 habitantes e densidade demográfica de 64,34 hab/km², extensão territorial de 378,42 km², com uma área urbanizada de 5,64 km², compondo-se de uma sede com características urbanas em processo de desenvolvimento, e de comunidades rurais (chamadas de “fazendas”), totalizando três distritos: Coração de Maria (sede do município), Itavaca e Retiro (IBGE, 2021). Em um desses distritos, em três comunidades rurais diferentes, residem CRISTINA

YANG, BEATRIZ ARAUJO, JHENIFFER SANTOS, ELISABETH MONSEHA, FLÁVIA SANTANA³, bem como a primeira autora deste artigo.

É na sede (área urbanizada) do distrito, que há o único colégio estadual, no qual residentes da zona rural cursam o ensino médio. É uma escola que faz parte da história das gerações nascidas ali. Como a maioria dos estudantes mora distante, há algumas décadas, a prefeitura passou a disponibilizar transporte escolar para os três turnos de aula, possibilitando que o máximo de moradores pudessem concluir o ensino médio. Mas não foi assim desde o princípio, e por isso, algumas pessoas só concluíram o ensino médio depois de adultos, por meio da Educação de Jovens e Adultos, e com o incentivo do transporte escolar.

O município de Coração de Maria localiza-se na Região de Influência de Feira de Santana (IBGE, 2022), segundo município mais populoso do estado da Bahia, e assim sofre uma relevante dependência deste município, em especial porque algumas comunidades rurais de Coração de Maria, incluindo aquelas nas quais residem as participantes desta cartografia, são mais próximas à sede do município de Feira de Santana do que à sede de Coração de Maria. Desse modo, é mais comum o fluxo cotidiano para Feira de Santana, no que diz respeito aos serviços de saúde, comércio, bem como as oportunidades de emprego e formação técnica e acadêmica.

Neste momento, nos interessa o olhar dessas jovens sobre as questões de gênero e consideramos pertinente manter um grupo focal, em que todas as participantes sejam mulheres. “Os grupos focais partem de uma perspectiva interacionista e buscam mostrar o modo como uma questão é construída e alterada ao ser debatida em uma discussão de grupo” (Flick, 2009, p. 187).

O primeiro contato com as participantes foi feito através do *WhatsApp*. Conversamos com elas sobre a possibilidade de retomarmos o trabalho e as convidamos para uma reunião *online*, via *Google Meet*, para apresentar a proposta de retomada da cartografia.

³ Esses são pseudônimos definidos pelas participantes, garantindo o sigilo de suas identidades.

O grupo do *WhatsApp* que fora criado antes dessa reunião, não foi utilizado como um ambiente de pesquisa, servindo apenas para agendar os encontros, visto que é mais ágil e pode funcionar de forma assíncrona, diferente do *Google Meet*, que exige a presença em tempo real. Realizamos quatro (04) encontros via *Google Meet*, que aconteceram em dias e horários combinados segundo a disponibilidade em comum de todas as participantes e da *internet*, pois tivemos que adiar alguns encontros pela indisponibilidade do serviço para algumas jovens.

A cartografia consiste em um processo de construção processual, a qual não delimita caminhos, muito menos predetermina resultados (Passos; Barros, 2009). Logo, é um trabalho conjunto entre pesquisadoras e participantes da pesquisa, sendo que estes possuem mais liberdade de expressão, delineando os caminhos para os resultados da pesquisa. Nesse sentido, devemos utilizar estratégias que promovam tais resultados, pois o que se espera é que, com a evolução do trabalho, a cartografia seja construída através das concepções que cada participante tem acerca dos assuntos discutidos em grupo. Veja que a intenção aqui não é “dizer” para elas que suas opiniões estão certas ou erradas, mas cartografar a construção de suas percepções e subjetividades ao longo dos debates no grupo.

Nesse sentido, os encontros via *Google Meet* foram o guia na construção da cartografia. Mas de que forma? E por quê? Os assuntos foram selecionados e compartilhados segundo as subjetividades apresentadas pelas participantes. Podem ser relatos pessoais, da *Internet*, reais ou fictícios sobre relações de gênero no contexto social coletivo de todas, a zona rural. A cada assunto escolhido e compartilhado, discutimos nos encontros *online*. Vale salientar que não houve um questionário engessado, muito menos gabaritos, e sim um espaço confortável para ouvi-las e compreender cada argumento e o que fizeram pensar assim, perceber as subjetividades nas falas e compartilhamento de emoções.

Em paralelo, cada participante recebeu um diário, em uma data e horário combinada previamente. Não houve um encontro coletivo presencial para este momento, pois ainda estávamos em período pandêmico. Os diários foram entregues pessoalmente, por um serviço de entregas, observando os cuidados sanitários desde a compra até o recebimento dos diários pelas participantes. Os registros (escrita, gráfico e/ou imagens), expressaram

acontecimentos, emoções ou pensamentos, do presente ou do passado que as levaram a atual experimentação de mundo e as relações individuais e coletivas. O diário foi devolvido ao fim dos encontros virtuais, pois ele faz parte da construção assíncrona desta cartografia.

Com a escrita do diário, as jovens participantes experimentam a sensação de materializar suas vivências, seus devires, prazeres e desprazeres, tudo o que perpassa a construção de suas percepções de ser mulher, olhando para e por dentro. Almejamos conseguir despertar a chama de vivenciar a experiência por meio da escrita assim como Jorge Larrosa nos inspira:

Deixar que a palavra “experiência” nos venha à boca (que tutele nossa voz, nossa escrita) não é usar um instrumento, e sim se colocar no caminho, ou melhor, no espaço que ela abre. Um espaço para o pensamento, para a linguagem, para a sensibilidade e para a ação (e sobretudo para a paixão). Porque as palavras, algumas palavras, antes que se desgastem ou se fossilizem para nós, antes de permanecerem capturadas, também elas, pelas normas do saber e pelas disciplinas do pensar, antes que nos convertam, ou as convertamos em parte de uma doutrina ou uma metodologia, antes que nos subordinem, ou a subordinemos a esse dispositivo de controle do pensamento que chamamos “investigação”, ainda podem conter um gesto de rebeldia, um não, e ainda podem ser perguntas, aberturas, inícios, janelas abertas, modos de continuar vivos, de prosseguir, caminhos de vida, possibilidades do que não se sabe, talvez. (Larrosa, 2014, p.75)

Encontro de desejos: nosso eu e os devires femininos

O pior não é permanecer estratificado — organizado, significado, sujeitado — mas precipitar os estratos numa queda suicida ou demente, que os faz recair sobre nós, mais pesados do que nunca. Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra. (Deleuze; Guattari, 1995, p.22)

Nossa retomada de encontros cartográficos se deu após um período de quase dois anos em que iniciamos nossas conversas sobre gênero e sexualidade, em meio a um contexto pandêmico. Sim, nos preparávamos há algum tempo para esta retomada, por desejo de todas as participantes, mas os desafios cotidianos dessas jovens mulheres rurais dificultavam nossos encontros. Foi então que um contexto inusitado nos isolou, nos retirou dos nossos fluxos cotidianos e nos impulsionou a um novo olhar sobre nosso cotidiano. Foi do isolamento social que ousamos experimentar outras intensidades, criando esse “pequeno pedaço de uma nova terra”.

A falta que fez sair ao ar livre e viver nosso cotidiano nos permitiu também criar um tempo de retomada, em especial por percebermos que a pandemia não afeta a todas e todos do mesmo modo, enfim, essas jovens mulheres começaram a incitar em si um desejo de novidades, um desejo de pensar na sua condição de gênero e, quando convidadas a uma nova conversa, prontamente se lançaram à oportunidade de pensar seu cotidiano e o que as afeta como mulheres rurais. Nesse contexto pandêmico, como uma linha de fuga ao isolamento social, interagimos ineditamente pela tela de nossos celulares via Google Meet, produzindo juntas outros sentidos e outros desejos e devires femininos. E neste vir a ser, sentimos a necessidade de falar sobre o autocuidado e a autoestima, o primeiro desejo de vir a ser, que inspirou nosso primeiro encontro.

Então o primeiro momento da nossa reunião teve como mote a discussão sobre como a mídia, principalmente as redes sociais, têm influenciado o modo de pensar nossos corpos e nossas personalidades, e o quanto isso causa insatisfação sobre a aparência, o quanto a pressão estética sobre a mulher tem sido agressiva. Ao perceber que esse assunto era emergente e era uma pista que necessitava de atenção, enquanto ainda passam pelo processo de chegar ao Corpo Sem Órgão (CsO) descrito por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), sugerimos que elas relatassem como essa relação de padronização e mídia estão afetando as suas trajetórias e a produção de si.

ELISABETH MONSEHA já percebeu que precisa esvaziar o seu corpo, pois ele já “se cansou dos órgãos e quer licenciá-los, ou antes, os perde” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 9).

A fase da adolescência é uma fase muito complicada. É uma fase onde você nunca se sente satisfeita, um lado do rosto é diferente do outro, um olho menor do que o outro, tudo isso a gente começa a enxergar, e isso começa a afetar nosso psicológico, ainda mais agora no século 21 onde as pessoas só são aceitas se forem padrão. Se você é muito magra você é criticada e ainda recebe vários comentários destrutivos que acabam nos deixando muito pra baixo. (ELISABETH MOSEHA, Excertos do Diário)

“Mas por que este desfile lúgubre de corpos costurados, vitrificados, catatonizados, aspirados, posto que o CsO é também pleno de alegria, de êxtase, de dança?” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 10). Por que tratar o corpo com tanta hostilidade? Sendo este corpo responsável por carregar as dores e as alegrias de cada experiência da vida, por que o tratar apenas como um objeto?

O lucro capitalista é, fundamentalmente, produção de poder subjetivo. Isso não implica uma visão idealista da realidade social: a subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material. O que se poderia dizer, usando a linguagem da informática, é que, evidentemente, um indivíduo sempre existe, mas apenas enquanto terminal; este terminal individual se encontra na posição de consumidor de subjetividade. Ele consome sistemas de representação, de sensibilidade, etc. – sistemas que não tem nada a ver com categorias naturais universais (Guattari; Rolnik, 1996, p.32).

As pessoas reais, os corpos reais não encontram espaço nas mídias sociais, muito menos nas propagandas publicitárias, pois esses corpos não são rentáveis ao comércio capitalista que vem ditando, há anos, o que é belo e o que não é. Essa mídia nos diz que a adolescência é a fase mais complicada da vida, nos diz qual é o corpo ideal para ir à praia, a idade ideal para isso e para aquilo, enfim... Se observarmos com atenção, boa parte de quem somos e como agimos foi e está sendo determinado sob a influência que o poder da mídia tem sobre nós. Para nós, mulheres, experimentar o nosso corpo e a nossa sexualidade de forma plena é ainda mais desafiador.

São lutas que questionam o estatuto do indivíduo: por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga a sua própria identidade de um modo coercitivo (Foucault, 1995 p. 234-235).

Criaram um padrão para a mulher ideal, que naturalmente é surreal. Geneticamente falando, é impossível haver um padrão, devido à alta variabilidade genética existente na espécie humana, por isso, a indústria da estética vem construindo com seus bisturis ‘mágicos’, um monte de mulheres e homens robotizados, afirmando que o ideal é sermos todos iguais. ELISABETH MONSEHA reconhece que somos diferentes, e que essa é uma característica normal, que não se resume a aparência, mas aos nossos processos individuais de vida e subjetivação. Por isso, “a diferença deve sair de sua caverna e deixar de ser um monstro” (Deleuze, 2015, p.38).

A sociedade impôs um padrão nas mulheres, que você só será inclusa se for magra, branca, cabelo liso. Mas não é possível, até porque não somos todos iguais, temos diferenças, e é isso que está adoecendo os jovens. Você entra no Instagram e vê a vida “perfeita” das blogueiras, aquilo muita das vezes nos deprime, porque a nossa realidade é muito diferente da delas. Temos que nos aceitar e ficar onde nos faz bem. (ELISABETH MONSEHA, Excertos do Diário)

Durante as reuniões e por meio das escritas de ELISABETH MONSEHA em seu diário, que estava ocorrendo um processo de reconhecimento de fatores que havia levado ela a construir um corpo esquizo, “acedendo a uma luta interior ativa que ele mesmo desenvolve contra os órgãos, chegando à catatonía” (Deleuze; Guattari, 1995, p.9), o qual ela estava tentando esvaziar. Ainda é preciso ir mais longe. A mídia tem influenciado na construção desses padrões citados por ELISABETH MONSEHA, e tantos outros comportamentos e estilos de vida, sendo um meio efetivo para propagação e criação de conceito(s) e preconceito(s). As redes sociais têm construído uma realidade paralela para seus usuários, por meio de seus recursos de edição de imagem, exercendo poder sobre seus usuários, influenciando a forma de experimentar o mundo real e construir a própria imagem.

Querido, diário, quanto tempo que a gente não se fala né?! Hoje eu vim dividir com você a gostosura de ser eu... Ser eu é um pouco complicado, mas até que eu aprendi a me amar mais [...] Eu amo ser eu e amo minha companhia, enfim é isso... (JHENIFFER SANTOS, Excertos do Diário)

JHENIFFER SANTOS, por sua vez parece estar aproveitando o Devir do seu CsO, e faz dele sua força.

Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide. (Deleuze; Guattari, 1995, p.10)

Talvez JHENIFFER SANTOS esteja desejosa da produção de um CsO, pois despreocupa-se da padronização do seu corpo, o entende em devir, diferente dos outros, o que é algo muito potente!

My me...

Que significa “Meu eu”, hoje acordei mas disposta, com outros pensamentos, pensamento bom, positivo...

Um pensamento de amadurecimento, mais atenta, mais bem resolvida comigo mesma, ter os meus, ser reconhecadora das minhas forças, mais certa de que hoje, mais que nunca, estou no melhor lugar que eu poderia estar, por ser Eu. (JHENIFFER SANTOS, Excertos do Diário)

Vamos às afetações do segundo momento da nossa reunião: Quando escolhemos a imagem a seguir (Figura 1), nos sentimos atravessadas por essa mulher na pista de corrida, e nos aventuramos a compartilhar essas afetações com as jovens: instigando o debate com a seguinte questão: essa mulher nos representa? Disputando com um homem branco, a mulher negra que, por ser quem é, já é inferiorizada ao seu ‘concorrente’, possui tantos obstáculos à sua frente. É possível nos afetar com essa mulher, e compartilharmos nossos obstáculos, individuais e coletivos?

FIGURA 1 – Será que no Brasil todos tem a mesma oportunidade?



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/meritocracia/>

A dificuldade financeira foi o elo de todas as problemáticas que foram apontadas pelas participantes como obstáculos que as atrapalham a realizar seus desejos. Como definem Guattari e Rolnik (1996, p. 28): “Todos os fenômenos importantes da atualidade envolvem dimensões do desejo e da subjetividade”.

As jovens moram em uma zona rural, em que a produção agrícola familiar não é mais suficiente para a subsistência, por isso, a maioria da população que aí reside, vive uma rotina viajante de trabalho e estudo em Feira de Santana-BA, que fica à aproximadamente 20 km de Coração de Maria.

ELISABETH MONSEHA: Acho que a questão financeira e a falta de... a dificuldade de transporte até chegar a esse objetivo. Por exemplo, se o objetivo da gente precisar ir pra Feira (Feira de Santana), o deslocamento da gente aqui, a estrada, eu coloco isso como uma dificuldade né, porque cansa a gente, a dificuldade de tá todo dia ali no ônibus né, indo pra feira, passagem cara, aí vem a questão financeira, você não tem dinheiro pra pagar uma faculdade, tem que tentar entrar numa pública, e isso dificulta tudo, porque vem os custos, não só do custo aqui, mas em Feira

BEATRIZ ARAUJO: No meu caso também é como ELISABETH MONSEHA fala, a questão financeira atrapalha bastante, é um grande obstáculo, porque por aqui a gente não consegue fazer nada assim, porque tudo que a gente quer pra ter uma oportunidade tem que ser em Feira (Feira de Santana), em outro lugar, tem os gastos com passagem, gasto do lugar que a pessoa quer, porque tudo hoje em dia é pago, se for um curso uma faculdade tudo tem que pagar, e vem muitos mais obstáculos ainda.

O percurso diário para Feira de Santana tem sido muito cansativo e caro. Boa parte é estrada de chão, em péssimas condições estruturais.

Ai tipo assim, muitas das vezes pra outra pessoa aquilo dali não é nada mas pra gente que sabe da nossa dificuldade, aquilo pesa tanto. é isso. Porque a oportunidade que a maioria das pessoas daqui encontra é em Feira, mas o transporte não ajuda. Você tem que se deslocar e alugar uma casa em Feira e o custo fica maior ainda, ainda a estrada não ajuda. Segunda-feira eu fui pra Feira, quando tava dentro do ônibus falei: “meu Deus do céu que humilhação”, dá um desgosto, véi, aquelas estradas, mas tem que aturar né? Pra chegar no objetivo! (ELISABETH MOSEHA)

Após a Prefeitura do Município de Coração de Maria disponibilizar um transporte estudantil, melhorou significativamente. Com a implementação do transporte estudantil, os jovens que já haviam ingressado em cursos técnicos e de nível superior tiveram redução de custos para continuarem na universidade/faculdade, e muitas pessoas que ainda não estudavam por não ter condições de arcar com as despesas de transporte ou moradia em Feira de Santana, puderam realizar o sonho de ingressar e permanecer nos cursos desejados.

Percebemos uma constante preocupação na fala das jovens em relação as condições sociais que elas vivem e como isso pode afetar a realizar seus sonhos. O relato sobre a educação escolar que elas têm acesso leva a uma importante reflexão sobre o quão profunda é a lacuna que há entre a educação pública e a educação privada.

Exatamente, e a gente vê assim também sobre o ensino da escola pública e particular em relação ao ENEM, porque uma pessoa que é de classe baixa, tem que fazer o ENEM pra conseguir alguma coisa na vida, porém essas alterações aí que tão fazendo tá dificultando mais ainda pra pessoa de escola pública e facilitando mais ainda pra da escola particular, minha opinião. [...] Ainda mais com o aumento das coisas né, estamos vendo aí o preço do bujão, quem diria que uma lata de óleo ia tá de R\$13,00, as coisas só estão piorando cada dia mais e a gente só vê que a balança, o rico tá lá em cima e nós que somos pobres estamos lá em baixo e cada dia tá mais difícil da gente conseguir nossos objetivos. (CRISTINA YANG)

Com a chegada da pandemia, a diferença de oportunidades de aprendizado e de mobilidade social por meio da educação, foi mais acentuada entre jovens da classe baixa e classe média. No município de Coração de Maria, o ensino e a aprendizagem durante o período de isolamento social, se mostraram um grande desafio. Devido à situação econômica das famílias, os estudantes não possuíam condições adequadas para que seus filhos e filhas pudessem ter qualidade para estudar naquela situação. Casas com poucos cômodos, sem pessoas capacitadas para ajudar na realização das atividades, um equipamento para mais de uma pessoa, além da demora para o início das aulas *online* e a dificuldade de se adequar a esse formato de dar e assistir aulas *online*. Com o retorno das aulas presenciais, houve uma maior preocupação com a recuperação do ano letivo no sistema, mas e como fica aquele ano letivo cursado precariamente? Como tudo isso afeta o processo de oportunidades educacionais na vida dessas jovens?

As escolas da zona rural já sofrem com o descaso de políticas públicas que garantam um ensino de qualidade e que valorizem a inserção social rural. E durante a pandemia, foi mais acentuado. Além disso, com a pandemia, com aumento do desemprego, muitas pessoas não puderam manter a *Internet* em casa, visto que a inflação tem assolado a classe trabalhadora.

Todos esses fatores têm comprometido a trajetória dessas jovens mulheres que buscam a mobilidade social por meio da educação. A independência financeira é uma situação em que elas desejam se encontrar nos próximos anos, e por isso, acreditam que a educação seja o melhor caminho. Mas não é o mais fácil. E em alguns casos, não encontram apoio em seu círculo de afeto, principalmente na família. Talvez pelo medo da frustração ou a preocupação em não poder ajudar ou dar o subsídio financeiro necessário, optam por se desencorajar do percurso.

ELISABETH MONSEHA: Sem contar nos obstáculos que não são físicos, muitas vezes são pessoas querendo diminuir a gente e colocar pra baixo dizendo que a gente não vai conseguir, é um dos obstáculos também

JENIFFER SANTOS: A pior coisa que tem é o ser humano, não é nem vários que as meninas falou aí, mas o pior é o ser humano. [...] Aí ninguém sabe o que a pessoa tá passando e chega: “tá cansada de que?”, aiai.

Na zona rural de Coração de Maria, com em tantas outras zonas rurais, não há investimento em oportunidades para que os jovens permaneçam em sua terra natal, obrigando-os a buscar estabilidade financeira na cidade, em outros estados. O êxodo rural é uma característica marcante, visto todas essas dificuldades apontadas acima, a melhor alternativa para boa parte dos jovens acima de 18 anos é migrar para o Sul do país, em busca de um trabalho formal com poucas exigências para contratação.

Tanta gente que não acha oportunidade nem em Feira e tem que ir pra Santa Catarina. Acho que é o maior obstáculo mesmo da classe baixa é a questão financeira, pq pra se alimentar bem precisa de dinheiro, você não vai roubar comida, tem que comprar, pra vestir uma roupa precisa de dinheiro, tudo envolve dinheiro, então acho que a questão financeira é o maior obstáculo que tem. (ELISABETH MONSEHA)

Para as mulheres rurais ainda é mais difícil. Desde cedo o cuidado com as atividades domésticas já é de sua responsabilidade, assim como o cuidado de irmãos mais novos. Ainda é bastante comum a divisão do trabalho doméstico baseada no machismo, ainda ambos trabalhem fora, o cuidado da casa e dos filhos ainda é da mulher. Em uma jornada tripla de trabalho. Além disso, não há creche municipal (e particular) para as mães que desejam continuar em seus empregos após o nascimento do bebê, condicionando a obrigatoriedade de pedir demissão. Ainda vivemos sob influência do cenário educacional do século XX pois,

Seria uma simplificação grosseira compreender a educação das meninas e dos meninos como processos únicos, de algum modo universais dentro daquela sociedade. Evidentemente as divisões de classe, etnia e raça tinham um papel importante na determinação das formas de educação utilizadas para transformas as crianças em mulheres e homens. (Louro, 2004 p. 444)

Observando a realidade feminina rural e as relações de gênero existentes e o depoimento das jovens, os principais fatores que tem impulsionado essa saída do campo rumo à cidade, são: estabilidade financeira, emprego e aumento no grau de escolaridade.

Ainda sob o domínio do patriarcado, o trabalho desenvolvido na família pela mulher, é menosprezado, seja na agricultura ou no cuidado da casa e da família, há pouco reconhecimento financeiro e social.

Diversos estudos que examinaram a divisão do trabalho por sexo na agricultura permitem concluir que as mulheres (e, de um modo geral, também as crianças e os jovens) ocupam uma posição subordinada e seu trabalho geralmente aparece como 'ajuda', mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens ou executam as mesmas atividades que eles. (Brumer, 2004, p.210)

A globalização tem despertado cada vez mais nas jovens moradoras da zona rural deste distrito o desejo de assumir o protagonismo em suas vidas. Há algumas décadas, havia pouca ou nenhuma expectativa de crescimento pessoal e profissional para as mulheres daqui, além de um casamento. Com a aproximação do urbano ao rural, criação de políticas públicas, acesso a conclusão do ensino médio, as possibilidades para construção de uma história diferente de nossas mães e avós aumentaram cada vez mais.

Esse ritmo frenético de mudanças na vida das noivinhas fica bem evidente. O cartógrafo testemunha o quanto elas estão se desterritorializando do lar, do ninho, da família. O primeiro sinal que ele nota é que as noivinhas estão mais na rua do que em casa. (Rolnik, 2011, p.88)

O acesso à educação básica para todas as pessoas moradoras desta zona rural, com mais condições de permanência (merenda e transporte escolar) possibilitou oportunidades de melhores empregos (mesmo que seja em cidades vizinhas), familiarização em áreas profissionais antes desconhecidas, acesso a cursos técnicos e de nível superior. Com o pouco investimento na agricultura familiar, as famílias precisaram se reinventar e incentivar os mais jovens a seguir outros caminhos possíveis para sustento das famílias, seja por meio da educação, de empregos formais em outras áreas ou migração.

Atualmente, as jovens se preocupam desde cedo em dispor de capital próprio, pois isso é sinônimo de autonomia e implica diretamente em sua autoestima. Durante toda a conversa, todas elas listaram que o maior empecilho no trajeto de suas caminhadas rumo a seus objetivos seria a dificuldade financeira, e sanando esse problema, boa parte dos demais estaria resolvido. Pois, a demanda financeira para elas estudarem está além do que ela e seus familiares podem financiar, e isso as preocupava, pois, até para encontrar um emprego elas precisariam de qualificação.

Desejos e fluxos femininos: há espaço para eles na escola?

CRISTINA YANG sugeriu que continuássemos falando sobre as dificuldades em ser uma jovem mulher moradora da zona rural, e assim o fizemos. Porém, este encontro não atendeu as expectativas de nenhuma de nós. Foi uma noite difícil, estávamos todas cansadas e com problemas que não caberiam numa tela de videoconferência. Ficamos todas dispersas. Elas estavam reclamando muito da merenda escolar, de baixa qualidade, e tantos outros assuntos que aconteceram na escola naquela semana. Dentre tantos devaneios, expuseram uma inquietação sobre a negligência com os cuidados de higiene das mulheres na escola que elas estudam.

BEATRIZ ARAUJO: Como é que não tem papel higiênico em um banheiro feminino? Era pra ter um espelho pelo menos.

PESQUISADORA: E absorventes?

ELISABETH MONSEHA: Não. Eu tava até pensando em dar essa ideia pra diretora, já que eu sou líder, pra ver se eles aceitam a ideia” [...] Teve um dia que eu entrei no banheiro, que não tinha papel higiênico, aí tinha alguém que tava menstruada e se limpou com folha de papel e máscara. Eu falei: “não acredito que eu tô vendo isso aqui”.

Não podemos ignorar o fato que durante o período menstrual a mulher necessita de cuidados específicos com a higiene íntima, o que requer a disponibilidade de pelo menos um banheiro com água própria para uso e absorventes descartáveis. Na escola, é necessário que também haja os meios adequados para que as estudantes consigam cuidar adequadamente da higiene, mantendo a intimidade preservada e com segurança para continuarem participando da rotina escolar. Quando a escola não dispõe dos itens básicos de higiene, ou os mantém de forma ‘secreta’, priva o direito de bem-estar de suas discentes.

A menstruação, é um processo fisiológico natural no ciclo de vida da mulher, carregando o estigma da vergonha. Atualmente ainda é considerada como um tabu. Há silêncio social em torno da menstruação, assunto restrito a intimidade familiar, não havendo preocupação do Estado para incluí-la como uma questão de saúde pública (Cassimiro et al., 2022). Historicamente, tudo vem sendo planejado e construído para atender as necessidades do homem, do masculino, e talvez, esse seja o motivo pelo qual a menstruação e quem menstrua, sejam negligenciadas.

PESQUISADORA: Mas vocês já procuraram saber se a escola dispõe de absorvente em algum lugar?

BEATRIZ ARAUJO: Não sei, nunca procurei saber.

CRISTINA YANG: Tem. Na sala de rádio, tem as caixas lá, a professora fala que se precisar é pra pedir na sala dos professores, falaram que não coloca lá porque o povo destrói tudo.

Essa é mais uma forma de reprimir a sexualidade, de colocar o desejo e a necessidade da mulher sob amarras que estão sob o poder masculino. Poder que repudia a experiência do menstruar, que silencia os gemidos de cólica, e deprecia as alterações de humor em decorrência de um processo natural feminino. Ao tempo que sente nojo do sangue que aparece na roupa, não se preocupa em garantir que ele não apareça.

O poder está em toda parte; não porque engloba tudo e sim porque provém de todos os lugares. E "o" poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (Foucault, 1988, p. 89)

A escola, enquanto detentora de poder, deveria utilizar desta prerrogativa para proporcionar um ambiente acolhedor e construtor de novas perspectivas, ao invés de repetir padrões sexistas. Proporcionar as estudantes a possibilidade de estar menstruada e ir à escola, sem invalidar os desconfortos decorrentes do período menstrual.

PESQUISADORA: Além desses problemas estruturais, tem mais algum problema, como algum tipo de preconceito?

BEATRIZ ARAÚJO: Eu acho que não.

ELISABETH MONSEHA: Nunca vi.

JHENIFFER SANTOS: Eu já sofri, principalmente na escola. Até que agora não, mas quando eu era mais nova, sofria. Lembro que era bullying de verdade, só que no tempo agente não conhecia igual agora. Cor de pele, tipo do cabelo, essas coisas assim. Eu ficava triste né, sabia que era preconceito, em casa todo mundo conversa sobre, até que mainha foi na secretaria falar, e resolveu bastante com a pessoa que fazia o bullying, e resolveu bastante, com a pessoa que fazia, mas a escola não apoiou e os primeiros a fazer bullying eram os primeiros a fazer, pois os funcionários eram preconceituosos (antiga escola). Hoje acho que não sofro mais.

Nos relatos das participantes, vemos o quanto a escola ainda serve como um palco para apresentações das diferentes formas de preconceito, e como essas experiências marcam a vida e influenciam na construção da subjetividade, visto que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que estes trazem consigo” (Foucault, 1996, p. 44).

O que JHENIFFER SANTOS conta é a história de inúmeras crianças e adolescentes deste país, que são vítimas de ações preconceituosas no ambiente escola e fora dele e tem suas dores subestimadas. É na escola que mantemos o contato duradouro com a diversidade, mas isso não implica na construção de relações de respeito as individualidades. Há pouco ou nenhum compromisso do Estado em construir políticas efetivas para a construção de um ambiente respeitoso a todas as individualidades coletivas, pelo contrário, transformam essas pluralidades (mulheres, pretos e pretas, LGBTQIAP+, indígenas, pessoas com deficiência, pobres, quilombolas) em minorias.

Não se preocupam com as pluralidades, pois ao invés de criarem uma educação escolar preocupada com a formação social de seus discentes, preocupam-se apenas em aprovações em vestibulares e em formar profissionais para o futuro. O debate sobre as desigualdades não encontra espaço, pois as suas vítimas não são interessantes, são apenas engrenagens dessa enorme fábrica de relações de poder.

Portanto, não se educa "para alguma coisa", educa-se porque a educação é um direito e, como tal, deve ser garantido de forma igualitária, equânime e justa. O objetivo da educação e das suas políticas não é formar gerações para o mercado, para o vestibular ou, tampouco, atingir os índices internacionais de alfabetização e matematização. O foco central são os sujeitos sociais, entendidos como cidadãos e sujeitos de direitos. Essa interpretação tem sido adensada do ponto de vista político e epistemológico pelos movimentos sociais ao enfatizarem que os sujeitos de direitos são também diversos em raça, etnia, credo, gênero, orientação sexual e idade, entre outros. Enfatizam, também, que essa diversidade tem sido tratada de forma desigual e discriminatória ao longo dos séculos e ainda não foi devidamente equacionada pelas políticas de Estado, pelas escolas e seus currículos. (Gomes, 2012, p.688)

A escola, enquanto instituição de ensino é um reflexo da sociedade, tem sido relapsa em relação as práticas de racismos que ocorrem sob camuflagem na sala de aula, no pátio, nas relações aluno - aluno e aluno – funcionário. A raça, assim como a orientação sexual e classe social, tem motivado atrocidades na história da humanidade.

Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmagórica, a raça tem estado, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, e terá sido a causa de devastações físicas inauditas e de incalculáveis crimes e carnificinas. (Mbembe, 2014, p11)

A diferença é uma característica intrínseca a existência dos seres, entretanto, vem sendo concebida como problema, dando suporte ao estabelecimento de relações de superioridades e inferioridade enfim, de desigualdade. Inspiram-nos as palavras de Mbembe, ao nos anunciar que a diferença tem de ser “reconhecida, aceita e transcendida”:

A questão é: O que queremos dizer com a palavra diferença? Por que ela está tão naturalizada? E o que devemos fazer com a diferença? A premissa aqui é de que a diferença tem que ser reconhecida, aceita e ao mesmo tempo transcendida. Pois a suposição – não apenas no mundo em que vivemos hoje, mas também em períodos anteriores da história humana – é de que a diferença é um problema com o qual se precisa lidar. Então o primeiro movimento que poderíamos desejar fazer é questionar tal suposição. Por que é que achamos que a diferença é um problema? Por que ela não é simplesmente um fato da realidade? A diferença é um problema apenas se acreditarmos que a uniformidade é o estado normal das coisas. A diferença se tornou um problema político e cultural no momento em que o contato violento entre povos, por meio da conquista, do colonialismo e do racismo, levou alguns a acreditarem que eram melhores que outros. No momento em que começamos a fazer classificações, institucionalizar hierarquias em nome da diferença, como se as diferenças fossem naturais e não construídas, acreditando que são imutáveis e portanto legítimas, aí sim estamos em apuros. (Mbembe, 2016, p.1)

Além dessas problemáticas que envolvem a desigualdade racial, CRISTINA YANG relatou em seu diário um fato que aconteceu na escola que a deixou “incomodada”:

Hoje no colégio teve uma palestra e uma certa professora pegou o microfone e disse que o que ela achava mais feio era uma jovem grávida. Eu fiquei muito incomodada com o que ela disse, e fiquei pensando “se tiver alguma menina grávida aqui” ela iria se sentir horrível e muito desconfortável com a situação. Acho que ela como professora deveria chamar as alunas e falar como se prevenir para evitar a gravidez, ao invés de julgar e humilhar. (CRISTINA YANG, Excertos do Diário)

“O que ela achava mais feio era uma jovem grávida”. Vejamos como há uma insistência em vigiar e punir os corpos femininos, e como a discussão sobre diferença, que tratamos em outros momentos do texto é gritante aqui. Em outro momento, ELISABETH MONSEHA, relata em seu diário como a adolescência é uma fase difícil, devido a questões com o corpo e com padrões corporais estabelecidos na sociedade. A fala da professora que incomodou CRISTINA YANG reforça e perpetua o padrão que criaram para a adolescência, e ignora a diferença como sendo um elemento real e inalienável.

Torna-se necessário reivindicar o uso mais dinâmico do conceito de cultura juvenil, explorando inclusive seu sentido antropológico, apelando para modos de práticas cotidianas e modos de vida específicos, os quais expressam determinados significados e valores para além do nível institucional, mas pautados na própria história construída cotidianamente pelos sujeitos sociais. (Rebouças, 2017, p.50)

Ao definir que uma jovem grávida é feia, subjetivamente ela cria a ideia de que existe uma fase ideal da vida para engravidar, negando as individualidades e partindo de uma premissa essencialmente biológica. O processo de gestar atravessa outras dimensões além da pura biologia humana. Além disso, o corpo ao qual a professora atribui a feiura, é apenas o feminino. E o jovem pai? Quais as afetações que a professora sente? Talvez nunca saibamos. Mas o fato de negligenciar a figura masculina no processo da gestação, principalmente nessa fase da vida, reforça mais um padrão, em que a mulher deve assumir a responsabilidade, o homem apenas escolhe se sim ou não. Nesse percurso, a escola ainda não é um espaço que investigue e se preocupe em conhecer os desejos de seus discentes, ainda se constitui num espaço que continua a repetir ciclos que enclausuram ideias.

Considerações finais

A sexualidade e suas diversas formas de reger a experiência da vida individual e coletiva faz parte dos nossos pensamentos há algum tempo. Quando finalizamos a primeira etapa desta cartografia, em 2018, pensamos, dentre tantas pistas que surgiram, o quão importante seria aprofundar no debate sobre a zona rural, na qual as jovens estão inseridas, como um marcador importante para suas vivências. Por isso, seguimos este rizoma, para conhecer as formas como são construídas as relações de gênero e sexualidade entre as jovens mulheres de um distrito rural no Município de Coração de Maria, Bahia, e como essas relações influenciam em suas vivências e na construção e experimentação do desejo.

Ao iniciar os encontros, percebemos o quanto algumas participantes tinham angústias que as paralisavam, assim como também nos paralisaram por alguns meses, diante de um contexto pandêmico. Mesmo padecendo de algumas dificuldades, dentre

elas conseguir conciliar horário com todas as participantes, e que todas estivessem dispondo de internet e pudessem conciliar os seus deveres e devires, conseguimos cartografar as afetações cotidianas a respeito das relações de gênero e sexualidade, e localizamos os principais marcadores de gênero e sexualidade na vida de mulheres na zona rural de Coração de Maria.

Nesta cartografia, mapeamos alguns importantes marcadores que tem permeado a construção e realização dos desejos femininos dessas mulheres. Destacamos, entre estes marcadores, o desejo da produção de sentidos sobre o EU, o autocuidado, a autoestima e o papel das mídias na construção de uma imagem de si. Mas estes corpos femininos habitam um lugar também demarcado: um distrito do Município de Coração de Maria, eminentemente rural, que reproduz condições desiguais de infraestrutura e convivência na zona rural, territorializadas em seus corpos femininos. Para além desses dispositivos midiáticos e do território rural, vale destacar a demarcada dominação masculina que desafia o devir e os desejos femininos dessas jovens mulheres, tendo a escola como principal dispositivo, que controla os corpos femininos em devir, pelo controle dos fluxos vitais – o menstrual e o da gravidez na adolescência.

Ao reencontrar estas jovens, após alguns anos, percebemos o quanto amadurecemos e como novos atravessamentos surgiram com mais intensidade, como por exemplo, as relações entre autoestima e a influência da mídia. Percebemos o quanto o mercado da estética tem influenciado e construído padrões uniformes que ignoram a diferença como elemento intrínseco aos seres. Conseguimos ver com mais clareza barreiras visíveis e invisíveis estão permeando a construção e realização dos nossos desejos.

Além disso, há uma questão importante: há espaço para esses desejos ou temos que reivindicá-los? O campo dos desejos ainda está sob constante vigilância. O devir-feminino é uma potência de desejos que, sob o domínio do pensamento colonizador que recusa a diferença, foi colocado sob a constante punição. Mas isso não impede de continuarmos identificando os marcadores que delimitam a nossa sexualidade e tudo que vem após e com ela.

Acompanhar a construção desses devires femininos, cheios de subjetividade e desejo e como vivenciam o mundo, é uma experiência que transcende as teorias, é acima de tudo perceber-se enquanto sujeitos ativos e passivos nesse processo. São quatro anos de rizomas, desejos, experiência... Enfim, vivências. Produzir essa cartografia tem sido um desafio, a cada etapa emergindo afetos nada planejados: insatisfação com o corpo, assuntos ligados a autoestima, racismo, pobreza menstrual, gravidez na adolescência e questões ligadas a ansiedade. Talvez, estas sejam pistas para a próxima etapa! Então, cara leitora e caro leitor, convidamos vocês a continuar no mapeamento deste processo de produção de outros desejos e devires, com estas jovens mulheres rurais de Coração de Maria.

Referências

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, v.12, n.1, p.205-227, 2004.

CASSIMIRO, J. C. et al. Desafios no combate à pobreza menstrual: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, v.5, n.2, p.5181-5193, 2022.

COSTA, A. G. A.; FREIXO, A. A. Cartografando casos de violência de gênero em um grupo no Facebook. **Revista Teias**, v.20, n.esp, p.93-117, 2019.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra/Graal, 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FLICK, U. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, N. L. Desigualdades e diversidade na educação. **Educação & Sociedade**, v.33, n.120, 2012.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

IBGE. **Coração de Maria – BA – IBGE Cidades**. 2021. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/coracao-de-maria/panorama>. Acesso em: 03. abr.2023.

ILLOUZ, E. **O Amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

LARROSA, J. **Tremores**. Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. D. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.443-481.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, A. **Por que julgamos que a diferença seja um problema?** [Entrevista concedida a Katharina von Ruckteschell-Katte]. Portal Geledés, dez. 2016. Disponível em:
<https://www.geledes.org.br/por-que-julgamos-que-diferenca-seja-um-problema/#:~:text=A%20diferen%C3%A7a%20%C3%A9%20um%20problema%20apenas%20se%20acreditamos%20que%20a,que%20eram%20melhores%20que%20outros>. Acesso em: 17. abr. 2023.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REBOUÇAS, J. S. S. **Quem pariu Mateus que balance?** Uma cartografia dos desejos maternos na adolescência CERG-São Félix/BA. 2017. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.